

pendar a incineração dos excessos das colheitas, reconhecendo a possibilidade de um reajustamento próximo entre produção e consumo. Durante esse período tinha começado a melhorar os preços e não fosse o constante aumento do custo, em virtude do agravamento incessante da inflação, acompanhado do decréscimo da produção por unidade, teria se tornado satisfatória a situação da lavoura.

Em 1949, o então ministro da Fazenda, julgou oportuno desfazer-se dos restos dos estoques de café do Departamento Nacional, que já tinha entrado em liquidação naquela época. Provocou esse acontecimento a alta mais violenta a que temos assistido na história do café. Parece que todos os que lidam com a rubiaca — produtores e consumidores, como que acordaram repentinamente, verificando, incrédulos, que tinha se dado o milagre do estancamento da superprodução, não percebendo, porém, desde logo, que as medidas aplicadas para restrição da produção e o desinteresse causado por longos anos de preços baixos, infelizmente tinham ultrapassado o resultado-que se pretendia alcançar, porque desde aquela época, aproximadamente, só conseguimos alimentar as nossas pequenas exportações, graças aos remanescentes dos estoques particulares brasileiros.

Chegamos assim ao momento em que se fazia necessário aumentar a nossa produção, o que esperávamos conseguir, principalmente através dos novos cafés-zais do Estado do Paraná — deste Estado que com tanta fé e trabalho incansável conseguiu realizar essa magnífica obra que representa a plantação e organização de centenas de milhões de cafeeiros novos.

Mas também o Espírito Santo, Go'ias e Mato Grosso começaram a se dedicar mais ativamente à cultura do café, além de um movimento para a recuperação das lavouras antigas de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro, por métodos modernos. Foi esse movimento liderado pela Sociedade Rural Brasileira, e logo depois apoiado pela Secretar da Agricultura do Estado de São Paulo, na gestão do sr. João Pacheco e Chaves. Baseado em métodos modernos e científicos, resultado de longos anos de experiência de nosso Instituto Agrônomo de Campinas, de fama mundial, e com base em sementes de variedades novas, mais produtivas e resistentes, está esse movimento tomando vulto e bons resultados devemos esperar dele, sobretudo se o governo federal demonstrar com fatos a sua "boa vontade" tão propagada em querer amparar a recuperação da lavoura cafeeira. Para tanto deve o Banco do Brasil fornecer câmbio oficial, não só para adubos e inseticidas, bem como para todas as necessidades legítimas da exploração do campo, restituindo assim um pouco do muito que lhe tem tirado através do regime cambial antigo e mesmo do novo, tornando mais econômica a produção, como convém para enfrentar a concorrência dos mercados internacionais.

Não foi, portanto, esquecida a necessidade de mantermos o ritmo dos nossos fregueses, com grandes capitais aplicados no comércio, torração e distribuição do café e interessados como nós no bom andamento das nossas relações comerciais. Infelizmente, veio a geada do ano findo por em perigo as possibilidades de abastecimento normal do consumo e, não fosse a recente mudança da política cambial brasileira, também



Rainha

Zangão

Operária

A VERDADE SÔBRE A MONOGAMIA DA RAINHA DAS ABELHAS

EURICO SANTOS

Era uma certeza incontestável, dogma a que todos os naturalistas e apicultores se submetiam, o fato da mãe das abelhas, geralmente chamada rainha, só uma vez sair da colmeia para se acasalar com o esposo; o qual, aliás, neste ensôjo, perdia a vida.

Depois do ato nupcial que se realiza no espaço, a rainha, ao voltar, jamais punha o pé fora do palácio real, ou seja, da colmeia, ou cortico.

Sua vida mantinha-se então numa austeridade quase ascética e jamais passariam pela sua cabeçinha real novas preocupações amorosas.

Maurício Maeterlinck dizia: «Passageiras delicias! O vôo que leva a mãe do seu povo para o espaço livre não dura senão um instante. Desde então fecundada, a rainha pertence exclusivamente à cidade.

«Após o breve abraço do himeneu, chegou para ela o momento da maternidade clausal, que não terminará senão aos fins de seus dias. Desde que teve contacto com seu esposo, ela volta, para não mais sair da sua prisão de topásio e de ouro.

Assim descreve o grande escritor e pensador belga o episódio de conformidade com a opinião unânime de entomologistas e apicultores.

É verdade que se dizia, à boca pequena, que a austeridade da rainha não era assim tão rigorosa e que ela, talvez disfarçada em obreira, fizesse os seus.

Mas isso eram simples murmúrios, suposição de entomologistas republicanos que não queriam acreditar na austeridade das rainhas.

Mas, as provas?

Eis que elas agora chegam com as recentes investigações levadas

ao conhecimento do último Congresso Internacional de Apicultura realizado em Viena, cujas informações vêm comentadas pelo sábio apicultor Alin Caillas em «Naturallas», de maio de 1958.

Resmente ao referido Congresso foram apresentadas, por dois investigadores, estranhos um ao outro, duas memórias, onde chegam à mesma conclusão.

Os investigadores foram o engenheiro Jerzy Woyke, da Polónia e W. W. Tyassak, do Instituto da Apicultura da U.R.S.S.

Os dois sábios nas suas pesquisas chegaram às mesmas conclusões: a rainha das abelhas se acasala várias vezes ao curso da sua existência e por diversas vezes durante o vôo de fecundação.

W. W. Tyassak diz que 50% das rainhas fazem vôos nupciais repetidos. E, ainda mais, parece provado que o macho que se acasala após um outro, liberta a rainha do sinal de acasalamento anterior.

Jerzy por sua vez organizou até uma pequena estatística na qual se verifica que 59,1% das rainhas entram do vôo nupcial com os órgãos totais do macho, 29,5% trazem apenas um humor branco e 11,4% não trazem nenhum vestígio do acasalamento.

Esse investigador opina que se as rainhas efetuam várias saídas em busca da fecundação é porque a primeira não foi suficiente.

Tece considerações sobre o caso e faz cálculos curiosos que explicam as suas suposições.

Lá se foi água abaixo o romance da monogamia real, a sua lenda de rainha quase ascética, o seu sacrifício de prisioneira, fiel ao primeiro e único amor.

A rainha das abelhas é tão humana, como as outras raças e irreais. — (De «Ora. e Qui».)

a alta do preço em ouro teria sido considerável. Devem os países comunistas compreender a nossa situação atual. Com custos elevados e produção pequena não podemos presentemente produzir e vender barato, mas podem também estar certos que não descansaremos e faremos todos os esforços para normalizar a situação quanto antes. Aliás, tomando-se em consideração o aumento de preço dos produtos importados, o valor ouro anterior do dólar e o menor poder de compra do público, entre 1923 e 1929, não estão hoje os preços do café, em dólares, comparativamente acima das bases daquela época.

Deve-se fazer ver ao público consumidor que nenhum interesse ele tem em diminuir as possibilidades da expansão da produção do café, por uma política de visão estreita, no momento, que traria repercussão desastrosa no futuro".

Raul Diederichsen segue defendendo, como o faz até hoje, a concretização de acordos internacionais para a estabilização do mercado cafeeiro. De 1954 para cá alguma coisa mudou. Os ciclos de produção se repetem. A lição do passado lembrada pelo antigo presidente do I.B.C., contudo, não tem sido ouvida como seria de se desejar.